



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- CAMPUS VII CODÓ
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ESTELA MARQUES DIAS

O AFETO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
PERSPECTIVA DOCENTE

CODÓ
2020

ESTELA MARQUES DIAS

**O AFETO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
PERSPECTIVA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão - Campus VII como requisito
para a obtenção de grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias
Martins da Costa

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFM

Marques Dias, Estela.

O AFETO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA
DOCENTE / Estela Marques Dias. - 2020.

50 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa. Monografia (Graduação) -
Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2020.

1. Afetividade. 2. Professor-Aluno. 3. Processo ensino- aprendizagem. I.
Dias Martins da Costa, Cristiane. II. Título.

ESTELA MARQUES DIAS

**O AFETO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
PERSPECTIVA DOCENTE**

Monografia apresentada a Coordenação do
Curso de Pedagogia da Universidade
Federal do Maranhão - Campus VII- Codó,
como requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias
Martins da Costa)

Codó-MA, 18 de Julho de 2020

APROVADA EM: ____/____/2020. NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa
Orientadora

Profa. Me. Kelly Almeida de Oliveira
Membro

Profa. Dr. Maria do Socorro Borges da Silva
Membro

Agradecimentos

Primeiramente à Deus, pois sem Ele eu não seria nada, por ter me encorajado dando forças para que pudesse desenvolver a escrita desse trabalho.

À minha família por ser sempre a minha base, me apoiando, incentivando com palavras positivas. Principalmente, a minha mãezinha (Avó) Dalva da Silva Dias por ser compreensiva e paciente pelos horários ausentes que levaram a desenvolver esta pesquisa.

A todo o corpo docente da Universidade Federal do Maranhão- Campus Codó que contribuíram na minha formação, cada um com sua maneira de enriquece-la. Mas, meu agradecimento especial para a professora doutora Cristiane Dias Martins Costa pelas orientações acadêmicas, pela paciência, compreensão, mostrando o que precisava melhorar para chegar nesta escrita e para que eu concluísse essa etapa.

Aos meus pastores e líder, Christian, Poliane, Lucas e Luana por me ajudarem espiritualmente, fazendo de mim uma ovelhinha dependente do Senhor em todas as áreas de minha vida, tornando-me assim uma grande mulher de Deus.

Agradeço à minha turma 2016.2 que me acompanhou durante a graduação, houve algumas desistências pelo percurso, mas a vida segue. Ao meu grupo de sempre das apresentações de seminários, pesquisa de campo, atividades entre outros, que irei levar comigo por toda vida, Mirelle, Maria de Fátima, Sebastiana, Jarlene Oliveira, e Gleiciany da Cruz, talvez um dia nós não estejamos tão perto umas das outras, mas, tenho certeza que poderei contar sempre com elas.

A todos meu muito obrigada!

RESUMO

O tema abordado nesta pesquisa diz respeito a afetividade na relação professor-aluno. Tendo como objetivos averiguar o olhar do professor acerca da afetividade na Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo de Codó, Maranhão; abordar as contribuições da afetividade para o processo ensino e aprendizagem; e, refletir como a presença do afeto nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode contribuir para o desenvolvimento integral dos educandos. Baseado nisso, como aporte teórico foi utilizado autores como: Cunha (2017); Piletti (2006); Gratiot-Alfandéry (2010) entre outros autores que tratam sobre a temática; além da consulta à Base Nacional Comum Curricular (2017). A pesquisa se deu de forma qualitativa, com observações em sala de aula na turma do 2º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, e aplicação de questionário aos docentes da escola investigada. Por meio do estudo realizado, observou-se que apesar dos professores investigados ressignificar o propósito da Educação para que os educandos tenham clareza dos seus projetos de vida e estejam preparados para enfrentar seus projetos de futuro, ainda lhe faltam estratégias para desenvolver as competências socioemocionais.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-Aluno. Processo ensino- aprendizagem.

ABSTRACT

The theme addressed in this research concerns affectivity in the teacher-student relationship. Aiming to investigate the teacher's view of affectivity in the Codó-Novo Community School Unit in Codó, Maranhão; address the contributions of affectivity to the teaching and learning process; and, reflect how the presence of affection in the early years of elementary school can contribute to the integral development of students. Based on this, authors such as: Cunha (2017); Piletti (2006); Gratiot-Alfandéry (2010) among other authors who deal with the theme; in addition to consulting the National Common Curricular Base (2017). The research took place in a qualitative way, with observations in the classroom in the 2nd year of elementary school class, and the application of a questionnaire to the teachers of the investigated school. Through the study, it was observed that despite the investigated teachers reframing the purpose of Education so that students have clarity of their life projects and are prepared to face their projects for the future, they still lack strategies to develop socioemotional skills.

Keywords: Affectivity. Teacher Student. Teaching-learning process.

LISTA

Tabela 1- Identificação das professoras.....	36
Quadro 2- A importância do afeto na sala de aula na perspectiva docente.....	36
Quadro 3- Fatores que promovem a Afetividade em sala.....	37
Quadro 4- Fatores que inibem a Afetividade em sala.....	39
Quadro 5- As práticas pedagógicas e o afeto.....	40
Quadro 6- Desafios enfrentados no cotidiano da sala de aula.....	41
Quadro 7- Como os obstáculos poderiam ser transformados.....	42

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IE	Inteligência Emocional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 Educação Emocional no Contexto Educacional.....	15
1.2 Afetividade na perspectiva de Wallon.....	18
1.3. As Múltiplas Inteligências.....	21
Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem	22
2.1 A Mediação do Afeto na relação Professor/Aluno.....	23
2.2 Habilidades Sócio Emocionais no Ensino.....	25
2.3. Estratégias para o Ensino e Aprendizagem	26
O olhar de educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Unidade Escolar Comunitária Codó- Novo.....	29
3.1 Caminhos Metodológicos.....	29
3.2 Observação em sala.....	31
3.3 Dados dos questionários.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE.....	48

INTRODUÇÃO

Se atualmente possuímos uma educação laica que todos têm direito e acesso é porque a concepção adotada hoje é resultado das mudanças ocorridas historicamente. Anos atrás, a educação não era para todos, apenas a classe privilegiada socialmente e economicamente, o restante da população não tinha direitos políticos nem acesso ao saber da classe dominante. Isto é, era excluída da escola e submetida à educação familiar informal (ARANHA, 2006).

O ensino era pautado pelo tradicionalismo, cujo aluno era visto como ser passivo, não havia voz na sala, o único detentor do conhecimento era o professor, a relação de ambos se tornava estática, o professor ensinava e o aluno aprendia. O ensino era baseado na repetição, memorização de conteúdos. Além disso, segundo Aranha (2006) o ensino se sustentava por uma crença de origem divina, não havendo uma reflexão predominantemente pedagógica. Essa crença divina no ensino se deu pela herança deixada pelos jesuítas que instituía orientações sobre educar acerca dos livros sagrados, oferecendo regras ideais de conduta, segundo as prescrições religiosas e morais, a fim de perpetuar os costumes e evitar a transgressão das normas (ARANHA, 2006).

Essa categorização de ensino veio permeando ano a ano, até a criação do documento que regulamentou e está regendo o País, a Constituição Federal de 1988 que veio para redemocratizar, consolidar o reconhecimento dos direitos individuais e sociais ao cidadão, restabelecendo a democracia para todos. Em seguida, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996), regulamentou a estrutura e o funcionamento do sistema de educação do país, após um amplo longo processo de implementação, nortando o campo educacional.

Foi a partir dessas Leis, entre outras, que tivemos um avanço democrático em relação à educação, ou seja, foi garantido que todos tenham o acesso à educação pública, gratuita e laica. Entretanto, apesar de avanços no sentido do acesso à escola, é necessário continuar os movimentos em defesa da educação para garantir não apenas a igualdade de ensino, mas sim que garanta a equidade para o ensino, promovendo a justiça social.

Acreditamos que uma educação que oportuniza uma educação de qualidade para todos, levará em consideração quem são os seus alunos, seus familiares, suas trajetórias, seus conhecimentos prévios, respeitará sua cultura local, considerando a relação das pessoas. No caso específico dessa pesquisa buscou-se investigar a relação professor/aluno pensando no ensino e aprendizado.

A construção da subjetividade deve levar em consideração uma subjetividade autônoma que permitem os agentes educativos a construção da compreensão de que os sujeitos que aprendem são uma totalidade que comportam subjetividade de desejos, sujeito desejante de aprender. Então a afetividade tende a influenciar nos afetando no contexto social, ou seja, nos sujeitos sejam ensinante e aprendente.

Assim, a pesquisa partiu do papel da importância da afetividade entre professor e aluno, tendo o docente como um mediador do conhecimento, orientando e estimulando o estudante para se tornar o próprio mentor do conhecimento. Nesse sentido, é necessário que o professor não se deixe levar pelo autoritarismo, onde um manda e o outro obedece, havendo uma troca que visa somente informações de conteúdo, pois caso ocorra o autoritarismo, há um risco desses estudantes se sentirem incapazes, desestimulados ou até mesmo considerarem a escola distante de sua realidade. E assim uma possível evasão escolar pode ocorrer, ou então, poderão sofrer consequências negativas frustradas relacionadas aos aspectos emocionais que podem afetar a auto identidade dos alunos.

Cunha (2017) salienta que quando se é trabalhado nossos impulsos emocionais que se inicia pelo afeto, os alunos são encorajados a romperem os seus limites e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para sua disciplina e aprendizado, isto é, o nosso aprendizado precisa de estímulo para ocorrer uma aprendizagem satisfatória. Haydt (2011, p. 42) expressa que “a escola é um local de encontros existenciais, da vivência das relações humanas e da veiculação e intercâmbio de valores e princípios de vida”.

Então a maneira como o aluno aprende demonstrará como ocorre o planejamento do professor em sala de aula, pois, é necessário que o professor tenha em mente o valor pedagógico da relação professor-aluno (HAYDT, 2011). Não basta somente o professor ensinar o conteúdo proposto, como enfatiza Haydt (2011, p. 43) deve ter uma função orientador (a) [...] “orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento”. Com isso, os educandos precisam ser estimulados para que aconteçam a aprendizagem, se estes não sentirem confiança nessa relação, podem acarretar uma série de fatores, como baixa autoestima, frustração, inferioridade por ver seus colegas aprenderem, medo de rejeição, timidez em excesso, entre outros.

Para tanto, a pesquisa desenvolvida fundamentou-se nas discussões das disciplinas “Estudos sobre a Infância” que teve como embasamento compreender como as crianças aprendem e se desenvolvem cognitivamente, socialmente e afetivamente; e “Didática e

organização do ensino I e II”, que favoreceu a reflexão de como o educador pode ensinar, desenvolvendo um plano de aula que mostrem caminhos para os alunos alcançar a aprendizagem, autonomia, tendo a liberdade para errar. Nesse sentido, o professor não somente ensina o conhecimento aos alunos, mas, os tornam protagonistas do ato de aprender. Além disso, as experiências vivenciadas nos estágios da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental me instigaram a pesquisar mais sobre o tema. Todas essas experiências foram proporcionadas durante o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó.

Diante disto, o objetivo dessa pesquisa se pautou em averiguar o olhar do professor acerca da afetividade na relação professor-aluno no processo ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo, situada na cidade de Codó, Maranhão. Para tanto, a pesquisa foi organizada em dois momentos, primeiro a pesquisa bibliográfica, que trouxe autores com a finalidade de compreender a temática, tendo como referência Cunha (2017); Antunes (2005); Gratiot- Alfadéry (2010); Haydt (2011) entre outros autores; e no segundo momento, a pesquisa de campo que ocorreu durante o segundo semestre de 2019, foi feita a observação em sala de aula do 2º “A” da Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo no intuito de analisar como ocorre a relação entre professor/aluno.

Além disso, foi aplicado um questionário com 15 questões (Apêndice A) relacionadas à temática desta pesquisa. Vale ressaltar, que a coleta de dados ocorreu ao final do trabalho de campo que se deu presencialmente, respeitando as normas da Organização Mundial de Saúde (OMS) devido a Pandemia do Coronavírus (COVID 19). O período de observação aconteceu no segundo semestre de 2019, em que pude ir à escola averiguar a relação entre professor-aluno em sala de aula.

Para melhor organização, o texto está estruturado em três seções em que a primeira aborda como a Educação Emocional está situada no contexto educacional, pontuando na perspectiva de Wallon sobre a afetividade, e sobre as múltiplas inteligências de Howard Gardner. Na seção seguinte, serão dados o enfoque sobre afetividade no processo ensino e aprendizagem ressaltando como a escola pode se tornar um ambiente afetivo, considerando a mediação do afeto na relação professor/aluno e as práticas pedagógicas. Por fim, a última seção, contempla os olhares de professores a respeito da afetividade, aprendizagem e ensino, em específico, como a relação entre as pessoas podem contribuir no processo de aprendizagem.

Fomentando a Educação Emocional na Escola

Nesta primeira sessão serão abordados como sucedeu a educação emocional no contexto educacional, em seguida, serão percorridos na perspectiva de Wallon os três aspectos que contribuem para o desenvolvimento integral da criança, como cognitivo, humanitário e afetivo, e por fim, as práticas pedagógicas utilizadas contemplam a afetividade no processo ensino aprendizagem.

1.1 Educação Emocional no Contexto Educacional

Vivemos numa sociedade em que somos afetados pela nossa maneira de expressar, o convívio com o outro e claro as nossas emoções, por isso, que a Educação Emocional surge para compreendermos como as pessoas administram a capacidade de identificar e lidar com as emoções e sentimentos pessoais consigo e de outros. As ideias de Paulo Freire, considerado patrono da Educação Brasileira, contribuíram para constatarmos como os alunos podem ser afetados pelo aspecto emocional, pois para ele “não existe educação de maneira fria, a gente precisa pôr a alma sempre pela educação” (DECARLI, 2020 apud (FREIRE, 1989). Quando há esse vínculo do professor e aluno a relação se torna agradável, facilita uma construção boa no processo ensino e aprendizagem, permitindo assim um retorno para o professor que seu trabalho está sendo desenvolvido com excelência, e os alunos estão compreendendo e entendendo e sendo seus próprios protagonistas do ato de aprender.

De acordo com Goleman (2011), nossa inteligência emocional pode determinar o nosso potencial para aprender as habilidades práticas que de acordo com o autor estão baseadas em cinco elementos: autopercepção, motivação, auto-regulação, empatia e aptidão natural para os relacionamentos. A percepção emocional começa com uma sintonização em relação à corrente de sentimentos, uma presença constante em todos nós. E também com um reconhecimento de como essas emoções moldam o que percebemos, pensamos e fazemos. Dessa percepção provém outra; a de que nossos sentimentos afetam aqueles com quem lidamos (GOLEMAN, 2011).

No ambiente escolar, a prática docente vai requerer uma desenvoltura afetiva da parte do professor, como enfatiza Cunha (2017, p. 91) “a prática docente requer mais dinâmica afetiva do professor com seu aluno. Mais desejo e prazer em ensinar como resposta à necessidade de mover-se sempre em busca de alternativas às dificuldades da aprendizagem discente” (CUNHA, 2017).

Por isso, aprender deve ser um ato prazeroso para os alunos, pois, estes ainda não têm uma base sólida e concreta a qual tenha a certeza ou consiga sair da situação conflituosa e problemática por si própria. Nesse sentido, o docente precisa ter um olhar de pesquisador, inovar em suas práticas pedagógicas, procurar sanar possíveis dificuldades de aprendizagens dos educandos, pois sabemos que há uma adversidades de aprendizagens múltiplas.

Contudo, não basta somente que o docente propicie a construção coletiva do conhecimento, pois, sabemos que o lado emocional deve ser desenvolvido desde a base, que começa pela família, como salienta Cunha (2017, p. 96) “A alfabetização emocional inicia-se na família e, posteriormente, amplia-se nas relações na escola”. Por isso, deverá ocorrer o estímulo sempre entre as partes, ou seja, havendo uma parceria entre família- escola. O autor pontua também a importância desta relação.

Família e escola constroem no indivíduo os universos da sua autoestima, confiança, emoções, sentimentos e atributos que personificam suas estruturas pessoais e seus vínculos afetivos. Escola e família não podem estar dissociadas uma da outra, pois são ligadas pelos veios afetivos do educando. Portanto, os processos de aprendizagem não se bastam sem a colaboração de ambas as partes (CUNHA, 2017, p. 96).

Percebe-se que segundo o autor, a aprendizagem dos educandos demanda uma colaboração de ambas as partes tanto família quanto da escola, pois assim, melhoram os vínculos afetivos. Outro fator primordial, é o diálogo entre professor-aluno, como ressalva Haydt (2011, p.44) “É por meio do diálogo que professor e aluno juntos constroem o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um”.

Sabemos que estabelecer o vínculo com a criança é importante dentro da sala de aula, afinal, é por meio deste vínculo que a criança sentirá confiança para falar sobre suas angústias, medos, preocupações. Partindo deste princípio, conseguimos compreender como a criança enxerga o mundo e a si mesma, e as emoções e sentimentos causados por esta visão (SANTOS, 2020).

Compreender as emoções pode ser um benefício para a criança, pois irá ajudá-la a lidar com as situações e obstáculos que a vida vai apresentando, melhorando a qualidade das relações e aumentando o autoconhecimento. Nem sempre temos em mente o que provoca nossas emoções e se tratando de criança a identificação dessas situações as ajudam na preparação para lidar com a emoção que virá. Para as crianças é desafiador desenvolver as capacidades emocionais e de começar a pensar no outro com suas próprias emoções. Por isso, é importante estimular no campo emocional a confiança e oferecer um espaço seguro para se aprender de forma natural e humana (SANTOS, 2020). Como aponta Fonseca (2016, p. 378) “(...) as emoções estão relacionadas com a aprendizagem, elas ligam com coerência,

relevância e significação, as ferramentas mentais da atenção, da percepção (processamento de informação), da motivação, da memória, da planificação e da execução de respostas adaptativas” (FONSECA, 2016).

Nesse segmento, as emoções afetam as aprendizagens, elas precisam estar mais envolvidas com as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória (FONSECA, 2016). O modo como a criança interpreta as suas emoções e sentimentos, faz com que ela se comporte de determinada maneira.

Dessa forma, a escola precisa ser um ambiente acolhedor que trabalhe com as emoções, para que os alunos, futuramente, tornem cidadãos que saibam lidar com conflitos, se relacionando em seu meio social de forma crítica, se posicionando em situações que envolve temáticas perpassadas na sociedade.

Nesse contexto, trabalhar a autonomia, o egocentrismo e também as diferenças um do outro proporcionam a criança crescer conhecendo a importância de respeitar as peculiaridades de cada indivíduo. Soma-se a isso que a afetividade está na interioridade e exterioridade do educando, podendo ser influenciada na percepção, inteligência, pensamentos e memória destes, ao qual estes passarão a conhecer e compreender (ANTUNES, 2005).

Assim, podemos definir a afetividade como o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010). Ou seja, a afetividade nasce de forma orgânica, mas vai se moldando através das manifestações que vão se tornando visível mediante os convívios sociais.

Nesta mesma perspectiva, Almeida (2008, p. 346-347) pontua que a “... afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações; desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões” (ALMEIDA, 2008).

Diversos autores trabalham a questão da afetividade, mas o enfoque nesta pesquisa será da perspectiva de Wallon. Para ele, educar é um ato de persistir com delicadeza, então, os educadores devem possuir isso nas redes de ensino, ele enfatiza que a criança passa por crises e conflitos, que só há crescimento se tiver perda, só há novas possibilidades, situações novas, se a mesma romper com a fase atual. Para isso, devem ocorrer estímulos diferenciados que emergem pensamento e inteligência. A criança deve romper com limites e saber lidar com frustrações.

1.2 Afetividade na perspectiva de Wallon

Henri Wallon era pesquisador, psicólogo e educador, considerado erudito e atualizado, nasceu em Paris, no país da França no dia 15 de junho de 1879, falecendo em 1961 aos 83 anos, tornou-se conhecido por seus trabalhos científicos sobre a psicologia do desenvolvimento. Mediante os seus estudos se dedicou ao desenvolvimento da criança, onde se aprofundou de forma integral nas dimensões cognitiva, afetiva e motora (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Na visão de Wallon, a escola deve proporcionar uma formação integral que almeje um ensino baseado em três aspectos, intelectual, humanitário e emocional. Sua teoria representa um marco importante nas práticas pedagógicas pois auxilia como alcançar um ensino eficaz. Seus trabalhos situam-se nos campos da psicologia genética e na psicologia do desenvolvimento, que procura entender as origens dos processos psíquicos. Entretanto, sua teoria é centrada na psicologia da pessoa como um todo (IBIDEM, 2010).

Conforme Gratiot- Alfandéry (2010) o desenvolvimento da personalidade em sua teoria psicogenética integra a afetividade e a inteligência. Enfatizando que essa dinâmica é marcada por rupturas e sobreposições, e que esta acontece por meio do mecanismo de “alternâncias funcionais”, situando que as mudanças de fases não se dão por sucessão linear (IBIDEM, 2010, p. 34). No caso, o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e resignificando-as. Isto é, a criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior.

Nesse contexto, um olhar diferenciado na etapa de desenvolvimento infantil, em específico, dentro do âmbito educacional.

O movimento infantil tem um sentido muito distinto daquele presente no adulto e é promotor do desenvolvimento da criança. O educador que se mantiver atento a essas manifestações da criança terá elementos extras para compreender e manejar o processo de aprendizagem (IBIDEM, 2010, p.38).

Wallon ao estudar a criança, não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas, defende que a vida psíquica é formada por três dimensões, motora, afetiva e cognitiva, como já mencionado, que coexistem e atuam de forma integrada (SALLA, 2011). Visto que a afetividade tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade, e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais,

que Wallon prediz em sua pesquisa para que conseguimos alcançar uma formação integral (ALMEIDA, 2008).

Wallon detalha minuciosamente as origens orgânicas da emotividade, menos para justificar uma visão biologicista e mais para destacar sua maneira de compreender a natureza humana. Para ele, o ser humano é organicamente social. Isso significa dizer que o bebê por exemplo expressa sua insatisfação por meio do choro, que de início é sua única maneira de relacionar-se. Esse choro mobiliza a mãe e ela o interpreta de acordo com seus valores e significados culturais. A interação entre ambos será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas na criança (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

O esclarecimento da importância da psicomotricidade no desenvolvimento que a teoria walloniana oferece, permite uma compreensão diferenciada para a organização pedagógica (Ibidem, 2010). Portanto, sua teoria permite oferecer a desconstrução de um olhar adultocêntrico que permeia no desenvolvimento infantil, interpretadas pelo adulto, onde tende a gerar posturas e a construir sentidos muitas vezes equivocadas daquilo que a criança demonstra.

Wallon pode ser considerado um teórico que amplia e reconstrói a compreensão sobre o desenvolvimento da criança por erigir um modelo de investigação e interpretação que rompe com visões lineares e positivistas. Para ele, a criança deverá passar por diferentes fases, em sua teoria da psicogenética do desenvolvimento da personalidade dividiu em estágios: 1- Impulsivo (0 a 3 meses); 2- Sensório-Motor (12 a 18 meses) Projetivo (3 anos); 3- Personalismo (3 a 6 anos) Crise de Oposição (3 a 4 anos) Idade da graça (4 a 5 anos) Imitação (5 a 6 anos); 4- Categorical (6 a 11 anos); 5- Adolescência (a partir dos 11 anos) (Ibidem, 2010).

Vale ressaltar, ainda, que para Wallon o desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo de toda a vida do indivíduo cuja superação se dará por meio da vivência, ou seja, romper com cada situação. Esse momento de ruptura é de fundamental importância e deve ser valorizado, pois, a partir disso garantirá seu processo de individuação e autonomização (Ibidem, 2010).

Desse modo, Wallon defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente que o afeta de alguma forma. Ele nasce com um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas, é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam (SALLA, 2011).

Por isso que o desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais (FERREIRA E ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Assim, pode-se dizer que existem fatores que serão primordiais para o desenvolvimento psíquico do aluno, de como este se encontra inserido no meio, ou seja, no ambiente. Para isso, percebe que o alunado para se chegar na aprendizagem, perpassa por algumas etapas biológicas, e a escola juntamente com a sua organização pedagógica devem elaborar atividades que facilitam a incorporação dos três aspectos cognitivo, humanitário e afetivo que Wallon considera importantes para se alcançar uma formação integral.

Silva (2017) pontua que Wallon ao suscitar a função das emoções, ele situa que é necessário o aluno interagir com o seu meio social. A postura do professor que entende e consegue desempenhar ações mediativas de caráter afetivo, tende a ressoar no aprendizado do aluno. Entretanto, Ibidem (2017, p. 66) propõe que o docente deve estabelecer limites e responsabilidades, perpassada na relação de autoridade baseado no respeito, onde no convívio da sala deve propor ao longo do processo os desafios e atividades para o enfrentamento do aluno, pois “(...) é fundamental para a formação do juízo moral, senso de responsabilidade e interiorização dos valores éticos que norteiam a sociedade”. Isto é, favorecendo assim um ambiente escolar harmônico.

A falta de limites e de estabelecimentos de obrigações leva o aluno a desvincular sua realidade objetiva de tarefas locais e sociais estabelecidas no contexto escolar. Muitos reforçadores negativos podem fazer parte da vida da criança, mas, cabe a escola inserir no ambiente do educando os padrões éticos esperados e o senso de responsabilidade (SILVA, 2017, p. 66).

Gratitot-Alfandéry (2010, p.100) salienta que as “tarefas impostas devem afastar em maior ou menor medida a criança de seus interesses espontâneos; e com excessiva frequência só conseguem dela um esforço coagido, uma atenção artificial ou mesmo uma verdadeira sonolência intelectual”. Nesse sentido, a escola deve integrar no plano anual os três aspectos para que se desenvolvam em conjunto, pois os mesmos são indissociáveis. Observa-se que as escolas de maneira geral têm dado ênfase nos aspectos cognitivos considerando os conteúdos a serem trabalhados principalmente nas matérias de Língua Portuguesa e Matemática.

1.3. As Múltiplas Inteligências

Howard Gardner foi o precursor para que as Múltiplas Inteligências tornasse conhecida mundialmente após a sua publicação do livro *Inteligência Emocional* de Howard Gardner em 1995, cientista norte-americano que causou forte impacto nessa área educacional (FERRARI, 2008). Howard Gardner é um psicólogo cognitivo e educacional estadunidense que nasceu em 11 de julho de 1943, e juntamente com sua equipe da Universidade de Harvard chegaram nesse consenso de que o ser humano é dotado de inteligências múltiplas, e essas múltiplas inteligências vêm descaracterizar o conceito de que o indivíduo é caracterizado apenas de uma inteligência única e geral (ANTUNES, 2005). Essas inteligências múltiplas incluem dimensões linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésico, naturalista, intrapessoal e interpessoal. Ainda que organizados por inteligências específicas, atuam sempre de forma interdisciplinar e estimulam simultaneamente outras inteligências.

Antunes (2005) procurou atender às áreas das inteligências múltiplas porque viu a necessidade de ser expressadas, mostrando que estas podem ser estimuladas através da utilização de um jogo, da natureza material ou até mesmo verbal. Se espelhou na convicção de Howard Gardner que ao longo de alguns anos vêm estudando a respeito das inteligências múltiplas no ser humano.

A inteligência linguística ou verbal, segundo Antunes (2005) se manifesta pela facilidade em organizar palavras seja oralmente ou na escrita, dependendo de como é estimulado no vocabulário. Nesse sentido, faz se necessário o incentivo à leitura desde pequeno. Nessa fase, o desenvolvimento mental da criança está no auge de novas descobertas, e os estímulos lógico-matemáticos quando estimulados, podendo ser nas brincadeiras e jogos, além de ser algo que as crianças gostam, o educador traçando estratégias para almejar o aprendizado, estas brincam-aprendendo, além do mais, desenvolvendo suas habilidades físicas, crescendo cognitivamente e aprendendo a interagir socialmente (IBIDEM, 2005).

A escola é um ambiente social que integraliza o convívio uns com os outros. E na sala de aula, pode ser demonstrado também como explorar o mundo espacial e histórico, desenvolvendo o sentido de lateralidade, percepção e posterior operação de conceitos como esquerda, direita, em cima, embaixo, próximo, distante ampliando o raciocínio espacial destes abrindo caminho para os jogos voltados para sua orientação espaço-temporal, e, ao mesmo tempo, para sua criatividade (Ibidem, 2005).

Além disso, esse ambiente educativo pode estimular nos alunos o gosto de aprender sons musicais através de diferentes jogos que permite explorar sons naturais, instrumentos, identificação de fontes e de trilhas sonoras entre outros. E quando desenvolvido essa inteligência não é de tornar os alunos “músicos” ou “compositores” e sim abrir a janela de sua inteligência para descobrir e para instrumentalizar a magia e o encantamento da linguagem sonora (Ibidem, 2005).

A inteligência Cinestésico-Corporal podem ser desenvolvidas em práticas que usa o corpo, movimentos de maneira altamente diferenciada e hábil, podendo ser praticada nas aulas de educação física, na dança e das diversas atividades como mímicas que constituem estímulos expressivos (Ibidem, 2005).

Gardner identificou também a inteligência Naturalista ou Biológica, podendo ser desenvolvida nos alunos essa competência de perceber a natureza integral e sentir processos de acentuada empatia com animais e com as plantas, tendo uma afinidade que pode estender-se a um sentimento ecológico, uma percepção de ecossistemas e habitats (Ibidem, 2005).

E por fim, as inteligências interpessoal e intrapessoal que Gardner destacou em seus estudos aonde identificou que o ser humano dispõe de personalidade que podem ser expressas mediante as emoções conduzidas pelos nossos atos, despertando um desejo de mudança dos mesmos (Ibidem, 2005). Sendo dado nesta pesquisa o enfoque para as dimensões interpessoal e intrapessoal, buscando verificar como estão sendo desenvolvidas na Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo situada na cidade de Codó, Maranhão.

Como podemos perceber, a escola possui uma parcela de contribuição para que sejam desenvolvidas essas inteligências nos estudantes. Além disso, uma inteligência nunca se manifesta isolada no comportamento humano. Cada tarefa, ou cada função, envolve uma combinação de inteligências. O principal desafio da educação é, portanto, entender as diferenças no perfil intelectual dos alunos e formar uma ideia de como desenvolvê-lo (SMOLE, 1999).

Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem

Nesta segunda seção, abordaremos como a afetividade pode mediar na relação professor-aluno, após, o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe de propostas para se trabalhar as competências socioemocionais, reforçando a relevância dessa temática para as práticas pedagógicas, e por último traçando estratégias para os professores.

2.1 A Mediação do Afeto na relação Professor/Aluno

Quando nos referimos no conceito de afetividade imediatamente somos induzidos a pensar em carinho e amor, sendo assim, afetividade envolve o autoconhecimento: o que gosto, de que tenho medo, como eu me sinto diante de diversas situações, enfim, quem eu sou (VIVALDI, 2014).

Na educação, podemos identificar essa inter-relação entre professor e aluno, pois, o educador que se apropria da didática, pensando sempre no processo de ensino tende a ressoar para que os educandos aprendam de forma integrada. Para isso, entender a linguagem humana e a estrutura da matéria, não se contentar com o esponeísmo, mas, sim provocar, instigando a desvendar o texto, trazendo evidências possibilitando que aconteçam a aprendizagem. Ser professor não é uma tarefa muito fácil, dependendo de sua postura adotada tende a chegar numa síntese do fazer pedagógico.

Então, a Psicologia da Educação como uma ciência ajudam a compreender o lado comportamentais que se dão no interior dos fenômenos educativos auxiliando aos educadores construir planejamentos que conduzam situações de aprendizagem eficazes no processo de ensinar e aprender. Para tanto, o educador é preciso observar esse aluno, levantar hipóteses sobre o sentido que seus comportamentos têm para ele e para os outros, em suas relações (VIEIRA, 2004). São eles que dão uma determinada direção ao desenvolvimento e, no percurso da vida humana, cada um desses domínios tem seu próprio campo de ação e organização, mas mantém em relação com os demais, uma espécie de mecanismo interfuncional (ALMEIDA, 2008). Procurar evitar desgosto ou opressão, a relação mantida em sala de aula com os alunos também deve ser cultivada com sentimentos positivos, devendo criar um clima de igualdade de expressão e oportunidades entre todos (Almeida, 2008).

Por isso, que as emoções capturam a atenção e ajudam a memória, tornando-as mais relevantes e claras, a sua ativação ou excitação somática desencadeia vínculos que fortalecem as funções cognitivas, ao contrário do que se pensava no passado (FONSECA, 2016). No caso, da herança positivista que dificultava a inclusão dessa temática, classificada geralmente como “não científica” ou posta como não relevante, sendo muitas vezes marginalizada ou usada de maneira generalizada para justificar as dificuldades em lidar com aqueles que rompiam as barreiras das regras escolares (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 25-26).

Muitos problemas de saúde mental na escola podem decorrer de estressores crônicos e de sofrimento emocional, porque muitos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem não conseguem corresponder às expectativas sociais porque a sua neurodiversidade não é respeitada nem é compatibilizada com as exigências das aprendizagens escolares (Fonseca, 2016). Isto é, muitas crianças sujeitas a muitos estresses provocados podem sofrer de problemas emocionais como, ansiedade, depressão, desmotivação, vulnerabilidade, baixa produtividade, entre outros; que podem interferir com o seu rendimento escolar presente e futuro.

As emoções afetam todas as aprendizagens, quanto mais envolvidas forem com elas, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória, e mais bem geridas e fortes serão as funções executivas de planificação, priorização, monitorização e verificação das respostas (Fonseca, 2016).

(...) porque as situações, os desafios ou as tarefas de aprendizagem não devem gerar no indivíduo qualquer vestígio emocional de ameaça, de desconforto, de insegurança, receio ou medo, pois neste caso a acessibilidade às funções cognitivas superiores de retenção, de planificação, de tomada de decisão, de execução e de monitorização e verificação ficam bloqueadas e comprometem o funcionamento mental adaptado que retrata o processo de aprendizagem na sua fase final de fluência e de automaticidade (FONSECA, 2016, p. 367).

Quando o educador passa a olhar para o aluno de forma integral, para além do conteúdo, respeitando suas vivências e experiências (BIMBATI, 2021) a relação de ambos não se torna estática onde o professor ensina e o aluno assimila o conteúdo de forma passiva, sem fazer a acomodação do velho com o novo conhecimento, não conseguindo a verdadeira eficácia da aprendizagem, por se tratar somente de memorização e formas fragmentadas.

No entanto, nem sempre o que o professor ensina corresponde as aspirações e necessidades dos alunos (PILETTI, 2006). Como salienta Haydt (2011)

Uma função incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento);

Uma função orientadora, pois deve orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento (HAYDT, 2011, p. 43).

Quando há uma construção coletiva entre educando e educador, ambos, constroem o conhecimento chegando a uma síntese do saber de cada um (IBIDEM, 2011). Isto é, o professor se torna referência para o educando.

Se o professor é dinâmico, a turma dinamiza-se. Se é divertido, a turma descontraí-se. Se usar de carranca, as aulas tornam-se carrancudas. As impressões deixadas pelo professor podem virar digitais na identidade do educando, porque seus olhos observam o professor em toda sua maneira de ser. No espaço da sala de aula, o professor será o modelo (CUNHA, 2017, p.120).

A partir do momento que o educador reflete sobre sua prática, pode-se suscitar transformações na conscientização dos educandos e demais colegas. Para isso, seus conhecimentos teóricos e criarem condições necessárias, como se planejar diariamente, procurar a melhor forma de aplicar os conteúdos e as atividades escolares para que almejem alcançar um ensino significativo, crítico e transformador (GASPARIN; PETENUCCI, 2014).

2.2 Habilidades Sócio Emocionais no Ensino

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017).

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017).

Então a BNCC vem nortear como inserir essas habilidades, no caso, o sócio emocional no ensino, isto é, “propiciar através de conceitos e procedimentos habilidades envolvendo práticas, cognitivas e sócio emocionais, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p.8).

Visto que o ensino possui este documento para orientar os docentes a planejarem suas aulas para assim promoverem a educação emocional nas escolas. Os educadores tinham mais

autonomia para escolherem os conteúdos, agora, já vem proposto quais as habilidades e competências que os educandos devem adquirir para cada etapa do ensino.

A BNCC orienta que cada estado deve adequar as proposições mediante a realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos ressaltam também um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade, como descreve BRASIL (2017, p. 14-15)

- Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas;
- Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem;
- Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc;
- Conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos;
- Selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender;
- Criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2017, p. 14-15).

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) que norteia o currículo para a educação, propõe essas competências cognitivas e socioemocionais para serem trabalhadas na Educação Básica, pois assim, acredita-se que os estudantes serão capazes de demonstrar flexibilidade, resiliência, determinação, além de tomar decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários em seu meio social.

2.3. Estratégias para o Ensino e Aprendizagem

É na escola que encontramos um ambiente de particularidades, que nos faz refletir sobre como se encontra a realidade educacional. De acordo com Silva Maria (2017) é no

contexto de cada realidade que novas possibilidades podem ser criadas, inventadas, a partir da potencialidade dos saberes-experiências dos professores e dos demais sujeitos de sua interação. Aliás, a experiência é um elo que media a teoria e prática.

Nesta perspectiva, o educador deve estar em constante aprendizado, pois, se nos apropriarmos de modelos educacionais a partir do qual fomos ensinados, há de se considerar que há mais ignorância em relação ao conhecimento das diversidades culturais, de política, dos direitos humanos, do que saberes, ou seja, de todo conhecimento capaz de nos fazer pensar sob outra epistemologia (SILVA MARIA, 2017). Educar em direitos humanos significa saber dialogar com a diversidade cultural que caracteriza o mundo hoje, sem perder de vista as questões de violação dos direitos da pessoa humana, manifestas, sobretudo nas formas de desigualdade social (IBIDEM, 2017).

Então, Ibidem (2017) orienta que há uma necessidade de desconstruir o pensamento, o ensino e o conhecimento sobre direitos humanos. Pois, o que acontece atualmente é de modo imperativo, partindo da condição de nossas incapacidades e não do que somos capazes de fazer ou do que já fazemos de novo. Ou seja, deve criar mais espaços nas instituições de formação inicial para debaterem sobre políticas educacionais, porque ensino é saber-poder.

Nessa lógica, Fonseca (2016) distingue três tipos de estratégias para fomentar no processo de ensino aprendizagem como fazer conexões emocionais com matérias a serem aprendidas, levando em consideração a intuição emocional para aprendizagem futuras, partindo da realidade e experiência dos alunos, ajudando-os estes a perceber a relevância e utilidade dos conteúdos mostrando o significado de aprender. Encorajar os estudantes a desenvolverem intuições escolares inteligentes, no caso, aprender a expor o seu pensamento crítico, a colocar perguntas relevantes ao se expressar, saber questionar enfrentando situações no convívio escolar e social. Favorecendo assim, um ambiente social equilibrado tanto para ambas partes para quem ensina e aprende, focando na possibilidade de cometer erros e aprender com eles, gerir intencionalmente e ativamente o clima emocional e social da sala de aula baseado numa atmosfera pedagógica de confiança e de respeito.

Nesse contexto, as emoções e sentimentos influenciam diretamente na confiabilidade dos alunos para com o docente.

Essa construção de confiança não ocorre por meio do autoritarismo, mas sim pela conquista da confiança em uma relação de profissionalismo, companheirismo, onde sentimentos e emoções são constantemente mobilizados para o estabelecimento dos laços afetivos que estruturam as ações inter-relacionais (SILVA, 2017, p. 65).

Fonseca (2016) pontua que transmitir os conteúdos em sala de aula apenas de forma mecânica, sem questionar, sem instigar os educandos a produzir conhecimento, permitirá que estes se sintam desmotivados, não queiram estudar porque não sentem a conexão íntima entre a emoção e a cognição. Como afirma Zabala (1998, p. 33) “não é possível ensinar nada sem partir de uma ideia de como as aprendizagens se produzem”. Isto é, não tem como o educador mediar o conhecimento para o aluno sem entender como eles aprendem, pois numa sala existem alunos que aprendem de maneiras diferentes. Sendo assim, a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um (IBIDEM, 1998).

Nesse contexto, trabalhar a autonomia, o egocentrismo e também as diferenças um do outro, contribui para a criança crescer conhecendo a importância de respeitar as peculiaridades de cada indivíduo. Soma-se a isso o fato da afetividade está relacionada a interioridade e exterioridade do educando, podendo ser influenciada na percepção, inteligência, pensamentos e memória destes, ao qual estes passarão a conhecer e compreender (ANTUNES, 2005).

Piletti (2006) demonstra que o campo da Psicologia contribui muito para o contexto educacional, pois, em consonância com a pesquisa investigativa compreendemos como ocorre o ato de aprender. Como descrito abaixo:

- a) Compreensão do aluno. Compreensão de suas necessidades, suas características individuais e seu desenvolvimento, nos aspectos físico, emocional, intelectual e social. O aluno não é um ser ideal, abstrato. É uma pessoa concreta, com preocupações e problemas, defeitos e qualidades. É um ser em formação, que precisa ser compreendido pelo professor e pelos demais profissionais da escola, a fim de que tenha condições de desenvolver-se de forma harmoniosa e equilibrada.
- b) Compreensão do processo ensino-aprendizagem. Para o professor, não é suficiente conhecer o aluno. É necessário que ele saiba como funciona o processo de aprendizagem, quais os fatores que facilitam ou prejudicam a aprendizagem, como o aluno pode aprender de maneira mais eficiente, além de outros aspectos ligados à situação de aprendizagem, envolvendo o aluno, o professor e a sala de aula (IBIDEM, 2006, p. 20).

Observa-se que tais aspectos se tornam primordiais para almejar um ensino eficiente, porém, além desses existe outro que é, fundamental segundo Ibidem (2006), a compreensão do papel de professor, pois, através disso, ele se autoavalia, e avalia o seu trabalho como educador.

É comum reportamos a ideia de escola da seguinte maneira: um professor tentando ensinar alguma coisa a uma turma de alunos. Mas, se formos analisar, o professor também aprende enquanto ensina, e o educando, enquanto aprende também ensina (IBIDEM, 2006). Diante disso, essa relação deve ocorrer como uma troca, pois, ambos aprendem juntos. Na

medida que o docente desempenha junto aos alunos essa construção do conhecimento, traz um esforço positivo a respeito do seu trabalho.

Para o sucesso do trabalho educativo, é importante que o professor goste do que faz, acredite que está alcançando os resultados esperados e se sinta satisfeito e realizado. Um professor frustrado é um fator de frustração para os alunos. Sabe-se que uma atitude positiva do professor em relação à matéria, aos alunos e o seu próprio trabalho é de fundamental importância para a eficiência da aprendizagem por parte dos alunos (IBIDEM, 2006, p. 23).

Além disso, existem situações que encontramos na sala de aula que podem dificultar a aprendizagem, muitos não se questionam, mas algumas consequências podem se dar através da relação ruim entre educador e educando. Por exemplo, a tonalidade da voz ao falar em sala demonstrando autoritarismo pode ser um fator que ocasiona um baixo desempenho escolar, no início pode até coagir fazer com que o aluno se cale, mas, isso não é uma forma de respeitar, isso só faz com que estes possam criar um bloqueio podendo afetar na aprendizagem.

Piletti (2006) entre outros autores têm demonstrado a importância do educador na mediação do ensino e aprendizado dos educandos e, em especial, neste trabalho está sendo pontuado a importância do aspecto emotivo. Entretanto, cabe ressaltar que se deve levar também em consideração a trajetória dos educadores, sua formação, as condições de trabalho, a autonomia para realizar suas atividades entre outras questões que também influenciarão no ensino e na aprendizagem dos alunos. Considerando a educação emocional um tema recente para educação brasileira, caberia se discutir formações docentes sobre a temática, sua importância, possíveis práticas e reflexões do processo de ensino-aprendizagem.

O olhar de educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Unidade Escolar Comunitária Codó- Novo

A sessão três discorre sobre os resultados da pesquisa, expondo-se as observações da sala durante o trabalho de campo e depois apresenta os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários aos professores da Unidade Escolar Comunitária Codó- Novo, dialogando com alguns autores para embasamento da pesquisa.

3.1 Caminhos Metodológicos

A pesquisa se pautou pela abordagem qualitativa-descritiva com procedimento bibliográfico e de campo. Sendo que a coleta de dados se deu através de observação livre e de aplicação de questionários individuais junto aos profissionais de educação da Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo situada na cidade de Codó-MA. É relevante destacar que a pesquisa foi realizada com professores do turno matutino, totalizando sete professoras, mas apenas seis aceitaram participar da pesquisa.

Para Minayo (2017) abordagem qualitativa proporciona identificar os seus significados, da perspectiva dos sujeitos, das relações que estão presentes a das interconexões entre atores e os fatos. Como ela mesma ressalva que “uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo” (MINAYO, 2017, p.10).

O período de observação aconteceu no segundo semestre de 2019, durante o período de três meses, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada. As aulas observadas foram de ensino de ciências, considerando as atividades do Estágio Supervisionado em Ciências do Curso de Pedagogia da UFMA, Campus Codó. Vale ressaltar, que a coleta de dados ocorreu ao final do trabalho de campo que se deu presencialmente, respeitando as normas da Organização Mundial de Saúde (OMS) devido a Pandemia do Coronavírus (COVID 19).

A escola ainda não possui uma estrutura respaldada conforme o Ministério da Educação (MEC), tendo o seu funcionamento numa casa alugada há 22 anos, com um quadro de funcionários sendo quatorze professores, quatro auxiliares de limpeza, dois vigilantes, gestora, vice gestor e coordenador pedagógico.

Fotografia 1: Fachada e o acesso a entrada da Escola



Fonte: Própria (2020)

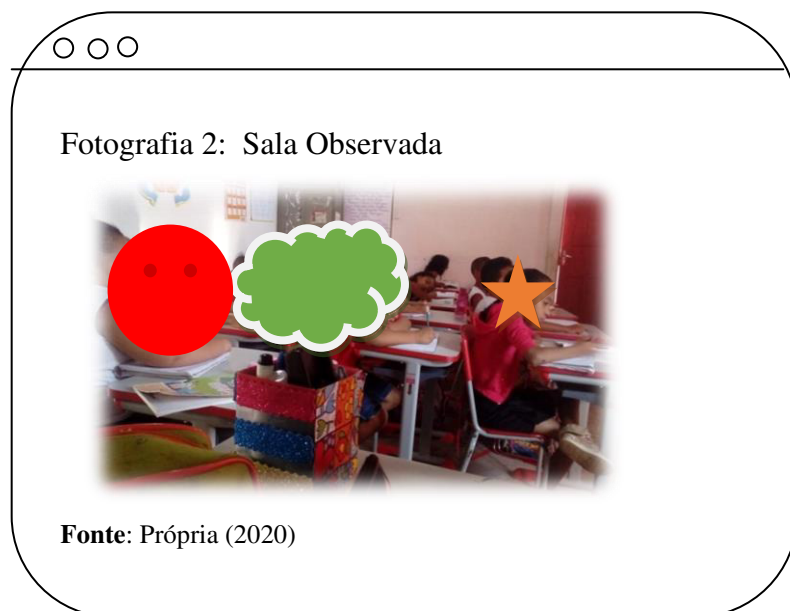
A aplicação do questionário se deu de forma semiestruturada envolvendo 15 questões relacionadas à afetividade entre professor-aluno, teve como objetivos conhecer a visão das professoras perante o significado da relação da afetividade entre professor-aluno, se no convívio da sala de aula isso se torna presente, e se o lado interpessoal dos alunos é desenvolvido. A coleta de informações se deu a partir das colaborações de seis professoras mediante aplicação do questionário, suas identidades serão mantidas em sigilos. Sendo assim, serão nomeadas como “estrelas que mediam o ensinar na sala de aula”, tendo como significado a constelação no céu, como respectivo Deneb, Adhara, Alhena, Atria, Nunki e Alpheratz.

3.2 Observação em sala

A pesquisa de campo foi realizada durante o período de estágio supervisionado no ensino de Ciências do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Campus Codó), que ocorreu durante o segundo semestre de 2019. O estágio teve duração de 45 horas e foi organizado da seguinte forma: reflexões introdutórias, observação, regência e relatório final.

O trabalho de observação e acompanhamento foi realizado no turno matutino da Unidade Escolar Comunitária Codó- Novo e a turma observada foi a do segundo ano do Ensino Fundamental, no qual foi escolhido devido à regente da sala já ter sido a minha

professora. Assim, foi uma experiência importante retornar à escola não como aluna, mas sim, como estagiária da mesma profissão.



A vivência de aluna com a professora regente, na época que estudava nos anos iniciais foi por causalidade aonde ela assumiu a turma devido à professora titular ter entrado de licença maternidade. Então, o convívio com ela foi rápido não ocorrendo o intrelaçamento afetivo entre ambos, porém, foi construído o respeito e mantendo o diálogo até hoje. Fui uma aluna muita quieta e procurava sempre fazer as tarefas, e cujo esse comportamento me levou a desenvolver dificuldade de falar em público. No entanto, desde a minha trajetória escolar, o ensino esteve apenas voltado para o cumprimento das disciplinas curriculares, onde passou despercebido por alguns docentes que infelizmente não conseguiram identificar para me ajudar.

O estágio supervisionado teve duração de 3 meses, sendo realizado uma vez por semana. A observação concernente à pesquisa ocorreu em todas as etapas do estágio, desde a participação participativa da prática docente à regência, sendo utilizado como estratégia, a verificação como ocorre a relação de professor-aluno, a metodologia, se os conteúdos fazem conexão com o socioemocional que é proposto pela BNCC a serem trabalhados que serão essenciais para o desenvolvimento integral dos educandos. Com isso, diversas situações foram observadas e serão destacados alguns acontecimentos que possibilitam a discussão da temática dessa pesquisa.

A turma do 2º ano “A” possui 21 alunos, que possuem uma faixa etária entre 7 e 8 anos. Alguns no nível 5 de leitura que é o nível de proficiência de leitura em que o aluno se

encontra no processo ensino aprendizagem, sendo assim, pelas condições da escola por ser um ambiente improvisado numa estrutura de casa, a alfabetização estava sendo desenvolvido na idade certa. A estrutura da sala e em geral da escola pode ser considerada como um ambiente improvisado, devido funcionar em uma casa alugada não tendo um mínimo de conforto, pois a sala é tão pequena que não tem espaço para os alunos se mexerem e o barulho das outras salas incomodam bastante por ser separada apenas por divisórias. Contudo, as aulas acontecem da melhor maneira possível para que os alunos tenham uma aprendizagem eficaz e satisfatória.

Foi possível perceber uma rotina das atividades da sala observada, as aulas iniciavam sempre com uma leitura diária com reflexões bíblicas trazendo exemplos da realidade, em seguida, era abordado um assunto do livro didático, como por exemplo “ciclo de vida dos animais e humana”, a professora imprime as atividades do tema que irá ministrar no dia, em específico, foi a aula de Ciências. Na outra semana, ela dava continuidade a aula complementando o assunto com o tema “ciclo e fases da vida humana”, na outra semana só complementou com o assunto “A variedade de Seres Vivos”, e assim, seguia a rotina. As aulas de Ciências aconteciam uma vez por semana, as quartas nos dois primeiros horários, de 07:30h a 09:30h, como foi descrito mais acima, ela inicia com um livro de oração com reflexões, trazendo a cada dia um tema que será abordado, por exemplo, o respeito com o próximo, e assim sucessivamente, o horário do lanche era por sala devido o espaço do ambiente não comportar muitos alunos ao mesmo tempo.

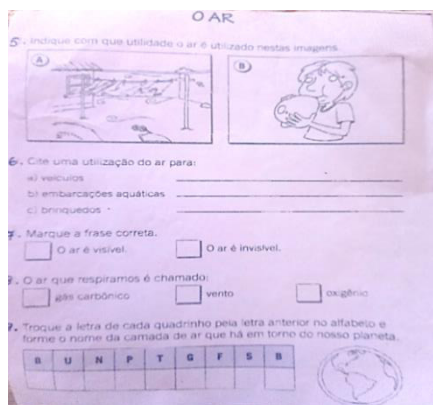
Fotografia 3: Refeitório



Fonte: Própria (2020)

A partir das minhas observações, pude constatar que o afeto é pouco presente na sala de aula, as aulas acontecem de maneira mecânica e repentina com atividades relacionadas à leitura e escrita. Por mais que a professora utiliza da interação, internalizando a realidade dos educandos. O processo ensino e aprendizagem ainda estão focados na disciplina, em notas e no passar de ano.

Fotografia 4: Atividade de Ciências



Fonte Própria (2020)

3.3 Dados dos questionários

A pesquisa apresenta dados de seis professoras do 1º ao 3º ano da Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo. Todas apresentam uma longa trajetória em sala de aula, apresentando um tempo de docência de 22 a 34 anos. Em relação a formação acadêmica, elas

apresentam curso superior que diferenciam entre Pedagogia, Letras e Ciências Humanas. A quantidade de alunos em sala varia de 16 a 19 alunos, nenhuma das turmas pesquisadas há alunos com deficiências, conforme se observa na tabela.

○ ○ ○

Tabela 1 - Estrelas que mediam o ensinar na sala de aula*

Identificação	Formação Acadêmica	Tempo docência	Turma	Turno	Quantidades Alunos	ACNE*
Professora “Deneb”	Letras	22 anos	2º ano	Matutino	17	_____
Professora “Adhara”	Licenciatura nos anos iniciais	32 anos	2º ano	Matutino	18	_____
Professora “Alhena”	Licenciatura nos anos iniciais	25 anos	2º ano	Matutino	18	_____
Professora “Atria”	Ciências Humanas	22 anos	1º ano	Matutino	19	_____
Professora “Nunki”	Licenciatura em História	22 anos	3º ano	Matutino	18	_____
Professora “Alpheratz”	Licenciatura em Pedagogia	34 anos	1º ano	Matutino	16	_____

Fonte: Própria (2020)

Nota: Para preservar as identidades das professoras foram nomeadas por “estrelas que mediam o ensinar na sala de aula” pelo significado a constelação no céu.

ACNE: Alunos com necessidades especiais.

A pesquisa se embasou respectivamente em cinco questões problematizadoras aonde buscou analisar o olhar dessas professoras a respeito da afetividade na relação entre professor-aluno. As questões analisadas foram às seguintes:

- ✓ O papel e a importância das socioemocionais no processo ensino aprendizagem?
- ✓ Quais os fatores que promovem a afetividade na relação professor-aluno? Quais os fatores que inibem a afetividade na relação professor-aluno?
- ✓ Em suas práticas pedagógicas, algum momento é trabalhado a questão do intrapessoal como emoções, sentimentos dos alunos? Se sim, de que forma? As mais utilizadas em suas práticas coincidem para que desenvolvam a afetividade?
- ✓ Quais os desafios/obstáculos para que a afetividade seja devidamente promovida?

Inicialmente, foi questionado às professoras sobre qual o papel e a importância de desenvolver a competência socioemocionais no processo ensino aprendizagem. Entre as entrevistadas, quatro ressaltam que é necessário que o aluno se sinta seguro para desenvolver a aprendizagem, uma não soube opinar sua resposta, porém, a professora Nunki trouxe a respeito da importância da parceria entre família-escola., como se observa no quadro abaixo.



Quadro 2: A importância do afeto na sala de aula na perspectiva docente

Professora “Deneb”	<i>“Sim, o afeto é importantíssimo, pois a criança precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado”.</i>
Professora “Adhara”	<i>“Porque o aluno sentirá segurança para desenvolver seu aprendizado”.</i>
Professora “Alhena”	<i>“Porque o aluno se sentirá seguro e capaz de se desenvolver com mais segurança”.</i>
Professora “Atria”	<i>“Porque traz uma energia positiva que direciona e motiva o aluno no ato de aprender durante a aprendizagem”.</i>
Professora “Nunki”	<i>“Com afetividade da família e da escola com certeza seria mais fácil”.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>“Ótima”.</i>

Fonte: Própria (2020)

Diante dos dados obtidos, é possível perceber que as professoras possuem a consciência que a ausência da afetividade pode afetar no processo ensino aprendizagem. No

entanto, não foi possível perceber nos dados que a relação professor-aluno pode influenciar diretamente no ensino e aprendizado. A afirmação pode ser feita considerando que nenhuma delas fez conexão desta relação ao ser questionado sobre os motivos dos alunos chegarem ao 4º e 5º ano sem saber ler e escrever. Em nenhum momento elas fizeram uma conexão entre afetividade e o déficit na leitura e escrita. Cinco relataram que os principais fatores desses alunos estarem chegando às turmas de 4º e 5º ano sem domínio da leitura e da escrita seria o ambiente familiar desestruturado, a infraestrutura precária das escolas, e os aspectos econômicos e psicológicos.

Os discursos interpretados nos remetem que sempre os responsáveis pelo fracasso escolar são os outros, e Gomes (2004, p.133) “defende que as perturbações afetivas das crianças é que são as causas das dificuldades de aprendizagem e não os *déficits* cognitivos ou cerebrais”.

O que fica é a impressão de que a escola, muitas vezes, ensina a escrever, mas não promove, na mesma medida, o posicionar-se e o constituir-se. Saber escrever não significa necessariamente ser sujeito da palavra escrita. Ensinar a língua não inclui necessariamente a apropriação equilibrada desse recurso como alternativa funcional ou expressiva. Pensando no processo de ensino e aprendizagem, talvez seja o momento de repensar a escola também com base nos condicionantes de valores, parâmetros e condutas sociais, nos quais o eu é igualmente sufocado pelas contingências diárias: simples, diretas, impessoais, materialistas e, com certeza, bastante objetivas (COLELLO, 2007).

No que tange aos critérios que promovem a afetividade em sala na relação professor-aluno, é possível perceber que há uma concordância entre as cinco que relataram sobre a confiança entre as partes, a interação, o respeito, o amor pela profissão e o afeto para que ocorram a aprendizagem em sala.



Quadro 3: Fatores que promovem a Afetividade em sala

Professora “Deneb”	<i>“A questão do respeito ambas as partes”.</i>
Professora “Adhara”	<i>“É a interação e o desenvolvimento dos alunos no cotidiano”.</i>
Professora “Alhena”	<i>“Amor a profissão e respeito em ambas as partes”.</i>
Professora “Atria”	<i>“A confiança, o respeito, a admiração e o afeto”.</i>
Professora “Nunki”	<i>“As rodas de conversa, precisamos estar atentos, a troca de experiência também”.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>“Fatores presenciais”.</i>

Fonte: Própria (2020)

Entretanto, de acordo com Fonseca (2016) a aprendizagem dos educandos para ocorrer implica em três componentes em interação sistêmica, ou seja, quando estiveres alinhado e integrado “a regulação emocional, o conhecimento consciente e as estratégias cognitivas” (FONSECA, 2016, p. 374). Visto que, não basta apenas a confiança e o respeito como mencionado acima, existem outros fatores que estão atrelados a aprendizagem.

Então, a escola, como qualquer outra instituição social reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida, ou seja, assim como a escola, a família e entre outros devem trabalhar juntos para facilitar na aprendizagem dos alunos. Segundo Irandé (2003), na situação onde o aluno se evade, a escola é uma das propiciadoras que leva a desistência e a repetência, pois o currículo das disciplinas está direcionado mais para que o aluno aprenda regras gramaticais, do que com aprendizagem onde os estudantes compreendam, reflitam e tragam daquela experiência algo que vai ajudar a formar um cidadão de opinião crítica que saiba se expressar e discutir sobre assuntos que são vivenciados no seu dia a dia. Por esse viés, que o aluno precisa de informações alternativas, de explicações diferentes, de uma prática diferenciada para conseguir entender e adquirir conhecimentos e habilidades.

Vale destacar que o problema em si não é o livro e sim a maneira como é utilizado apenas como único recurso pedagógico. Pois, é relevante ressaltar que, a utilização do livro didático torna-se negativo quando se utiliza somente ele e ainda com um ensino monótono que preza pela repetição (EIDELWEIN e LOPES, 2012).

Ao serem perguntadas sobre o que poderia inibir a afetividade na relação professor-aluno, as professoras ressaltam a falta de diálogo, a eloquência e persuasivo do professor acompanhado da tonalidade da voz, o aluno quando não aprende e a família, como percebemos abaixo.

Nós como seres humanos estamos sujeitos a uma condição social e cultural que vai requerer sempre a ajuda do outro. Então, essa construção de confiança não ocorre por meio do autoritarismo, mas, sim pela conquista da confiança em uma relação de profissionalismo, companheirismo, onde sentimentos e emoções são constantemente mobilizados para o estabelecimento dos laços afetivos que estruturam as ações inter-relacionais (SILVA, 2017).

É necessário uma coletividade entre educador e os demais que compõe a escola, o olhar humano que sabe o seu papel no processo ensino e aprendizagem, compreendendo que o ponto de partida no processo ensinar e aprender não é igual, o contexto social e econômico influencia nos sujeitos sejam ensinante e aprendente. E quando a escola possui um ensino interessante que aproxima os conteúdos a realidade dos educandos, ajudando a compreender o porquê da necessidade do conhecimento e o exercício da cidadania, estes crescem na formação do sujeito como cidadão.

Em relação às práticas pedagógicas, buscou-se verificar se as relações intrapessoais são desenvolvidas em sala. Porém, três salientaram sobre o respeito com o aluno, mas, não souberam remeter aspectos do trabalho da afetividade fazendo uma conexão com as disciplinas; uma remeteu sobre a participação direcionada, a outra falou sobre o diálogo, e a seguinte disse que não utiliza.

○○○	
Quadro 5: As práticas pedagógicas e o afeto	
Professora “Deneb”	<i>“Sim, sempre que você respeita a criança dá espaço pra mesma se manifestar sobre ponto de vista de uma determinada aula você está trabalhando os sentimentos da criança”.</i>
Professora “Adhara”	<i>“Sim, a participação direcionada a cada situação em sala de aula”.</i>
Professora “Alhena”	<i>“Sim, respeito a criança dando oportunidade a participação das atividades em sala”.</i>
Professora “Atria”	<i>“Sim, dando atenção, tendo uma conversa amigável e respeitosa, mostrando que me importo com ele e que acredito no potencial dele”.</i>
Professora “Nunki”	<i>“Sim, o carinho, respeito, saber ouvir com certeza são formas de conhecer suas emoções”.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>“Não”.</i>
Fonte: Própria (2020)	

Quadro 4: Fatores que inibem a Afetividade em sala

Professora “Deneb”	<i>“Eu acredito que o autoritarismo pode ser um dos fatores”.</i>
Professora “Adhara”	<i>“É quando os alunos não têm o domínio na aprendizagem”.</i>
Professora “Alhena”	<i>“Arrogância e autoritarismo, uns dos fatores”.</i>
Professora “Atria”	<i>“O problema familiar, apatia, desinteresse, falta de atenção, etc...”</i>
Professora “Nunki”	<i>“Se o professor se mantém distante sem dá carinho, é muito difícil acontecer a amizade entre ambos”.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>“A falta de compreensão dos pais...”</i>

Fonte: Própria (2020)

As competências socioemocionais não se ensina, mas, se desenvolve, então a escola deve pensar em desenvolver essas competências de forma harmônica, percebe que na resposta da professora Alpheratz o olhar ainda não está sendo para o aluno de forma integral que requer além do conteúdo, respeitando suas vivências e experiências. Desse modo, é necessário analisar essas vivências de ensino para que almejamos uma aprendizagem satisfatória.

Sendo assim, a formação integral deriva de uma concepção de aprendizagem fundamentada no construtivismo¹, que nos faz atentos à diversidade dos alunos, considerando no processo as diversas formas de aprendizagem a partir da tipologia dos conteúdos, ou seja, a forma como o educador organiza e planeja os conteúdos, favorecendo assim, uma aprendizagem eficiente. Tendo em vista, por traz de qualquer intervenção pedagógica consciente se escondem uma análise sociológica e uma tomada de posição que sempre é ideológica devido as condições da sociedade que se vive em maior ou menor grau na formação dos alunos, então, a forma que o plano de aula está formulado reflete as tendências pedagógicas adotado pelo professor. Dessa forma, o ambiente escolar deve ser estimulador e favorável, o educador deve ser paciente e afetuoso.

A postura do professor que entende e consegue desempenhar ações mediativas de caráter afetivo, tende a ressoar no aprendizado do aluno (SILVA, 2017). Ou seja, o educador tende influenciar na percepção dos educandos. Para isso, estar atenta ao criar atividades e jogos que estimulem desenvolver competências e habilidades que a BNCC direciona para a escola através do currículo deve levar em conta a formação do sujeito no seu processo de crescimento como cidadão. E o educador que possui esse olhar humano que reflita e mediam o conhecimento para estes, explorando o potencial, o aprendizado destes se tornam ainda

¹ O nome construtivismo se deu para identificar como a criança constrói a palavra, ou seja, aprende.

melhores. Sendo assim, as emoções têm impacto fulcral na aprendizagem, muitos professores e responsáveis educacionais revelam, ainda, alguma insegurança em incorporarem o trabalho sobre as emoções na sala de aula (FONSECA, 2016). Isto é, percebem dificuldades em organizar suas aulas de forma que produzam esse impacto nos educandos em protagonizar.

Foi questionado às professoras sobre os desafios/obstáculos enfrentados no cotidiano escolar. Em consonância nas respostas indagadas seria o aluno com problema, a família, entre outros.

○○○	
Quadro 6: Desafios enfrentados no cotidiano da sala de aula	
Professora “Deneb”	<i>Penso que é muito pessoal de pessoa pra pessoa, eu tenho muita facilidade de desenvolver essa afetividade.</i>
Professora “Adhara”	<i>No caso desse questionário não tem como ser promovida que essa afetividade é correta.</i>
Professora “Alhena”	<i>Nesse caso não tem como essa afetividade ser correta.</i>
Professora “Atria”	<i>O aluno-problema que vem de uma família problema.</i>
Professora “Nunki”	<i>A distância nós professores precisamos cativar nossas crianças.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>Muitos desafios, o principal a falta dos pais na escola.</i>
Fonte: Própria (2020)	

Por a escola dá destaque ao conhecimento em propor propostas pedagógicas que envolvem regras disciplinares, alguns induzem o que ocasiona esse fracasso escolar pela não aprendizagem da leitura e escrita são sempre o aluno e o seio familiar, Costa e Silva (2018) parafraseando a respeito do fracasso escolar que a autora Gomes (2004) remete sobre a temática, introduzem que a escola na tentativa de explicar o fracasso escolar centra suas explicações nos alunos e em suas famílias, ou seja, reduzem o peso da cultura escolar na produção do fracasso, pois apontam as condições socioculturais dos alunos e de suas famílias (COSTA e SILVA, 2018).

O fracasso do aluno deve ser encarado também como fracasso do professor, da escola, do material didático, dos métodos de ensino e aprendizagem (CAGLIARI e GIOVANI, 2015). Vale ressaltar, complementando a fala dos autores, que o fracasso escolar deve ser encarado também como resultado de uma sociedade tão desigual.

Por fim, como solução para esses desafios as entrevistadas listaram algumas ideias de como esses obstáculos poderiam ser transformados, como respostas, citaram o companheirismo, a empatia, estreitamento dos laços entre professor-aluno e família-escola.

○○○	
Quadro 7: Como os obstáculos poderiam ser transformados	
Professora “Deneb”	<i>Companheirismo, empatia.</i>
Professora “Adhara”	<i>Estes obstáculos só podem ser transformados com o apoio familiar. Nesse caso não tem como essa transformação ser indispensável.</i>
Professora “Alhena”	<i>Estes obstáculos só podem ser transformados com o apoio familiar. Nesse caso não tem como essa transformação ser indispensável.</i>
Professora “Atria”	<i>Estreitando os laços entre professor/ aluno e família e escola.</i>
Professora “Nunki”	<i>A solução depende do problema que está acontecendo, se preciso chamar outros profissionais iremos conversar para encontrar a solução.</i>
Professora “Alpheratz”	<i>É que a família tem que participar mais na escola dos seus filhos, para que tenha melhor aprendizado.</i>
Fonte: Própria (2020)	

O papel das socioemocionais na escola é estratégico, pois para desenvolvê-las no contexto escolar deve ser de forma harmônica, e por isso encontrar atividades dentro do tema que estará sendo trabalhado é que facilita o desenvolvimento dela, ou seja, deve haver uma intencionalidade que possibilita identificar além dessa competência, o educando precisa reconhecer a vivência em sua realidade e fazer pontes com a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado, observou-se que a relação entre professor-aluno é um dos fatores que pode interferir no processo de ensino aprendizagem. Visto que o aspecto afetivo também permeia o desenvolvimento dos alunos entrelaçado no cognitivo, e quando não estimulado no ambiente escolar, pode apaziguar no afetamento da formação plena dos educandos.

A BNCC que rege os currículos das redes estaduais e municipais do Brasil, mas, também que serve para pautar as propostas pedagógicas das instituições escolares de todo território nacional, vem destacar competências sócio emocionais com intuito de orientar para que os estudantes se desenvolvam e consigam alcançar essa formação plena no seu desenvolvimento, reforçando e reconhecendo a importância de trabalhar não apenas o cognitivo.

Baseando-se nessa concepção, a pesquisa ainda mostrou que há educadores que reconhecem a importância da afetividade no processo ensino aprendizagem, porém, o tipo de atividade pedagógica que é oferecido não estimula as múltiplas inteligências que Howard Gardner identificou que o ser humano possui, no entanto, é necessário que as habilidades sejam estimuladas, incorporadas e valorizadas.

Visto isso, ao acompanhar a turma do segundo ano, foi possível observar a maneira como a professora lida com a aprendizagem e com o afetivo dos alunos, assim, analisou-se durante o período de observação que ela interage com os alunos, entretanto, a forma de organizar suas aulas são permeadas como regras disciplinares dando um destaque, sobretudo ao conhecimento.

Neste viés, Segundo Hoffman (2020), o educador deve construir uma boa relação em sala de aula, oportunizando uma concepção mediadora que levam aos alunos muitos momentos de expressar ideias, permitindo discussão entre estes a partir de situações problematizadoras, realizando tarefas individuais, sejam de menores e sucessivas, buscando entender as respostas apresentadas pelos estudantes. Favorecendo ao aluno o alcance de um saber competente e aproximação com os conceitos científicos. E em vez de certo/errado e da atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores soluções. Em suma, transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção de conhecimento.

Então o desenvolvimento cognitivo não é estanque, mas estará sujeito a estímulos dos processos de aprendizagem, principalmente pela mediação afetiva. É relevante a instrução pedagógica em um ambiente propício, saudável e de interação com o aluno, pois aprendemos melhor quando amamos (CUNHA, 2017).

Dessa maneira, a pesquisa colabora na medida em que chama a atenção da comunidade acadêmica fomentando instigar o interesse pela temática tendo como base as relações do afeto dentro do contexto educacional para o processo ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A Afetividade no desenvolvimento da criança/ Contribuições de Henri Wallon. Inter- Ação: **Rev. Fac. Educ.** UFG, 33(2): 343-357, jul. /dez, 2008.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 13º Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português- encontro & interação**. Parábola Editorial. (Série Aula, 1). São Paulo, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. In: Maria Lúcia de Arruda Aranha. Antiguidade oriental: a educação tradicionalista. 3. Ed- rev e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular(BNCC)**. Brasília: MEC.2017. Disponível: basenacionalcomumcurricular.mec.gov.br, acesso em: 30/09/2019.

BIMBATI, Ana Paula. **Como equilibrar as competências socioemocionais e cognitivas na volta às aulas**, 2021, link: https://novaescola.org.br/conteudo/20053/trilha-retomada-das-aulas-2021-como-equilibrar-habilidades-socioemocionais-e-cognitivas?utm_campaign=newsletterprodutosabertos&utm_medium=email&utm_source=dinamize acesso em: 30/01/2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos; GIOVANI, Fabiana. **Letras e Textos**. Paulistana Editora, 1ª edição. São Paulo, 186 p, 2015.

COLELLO. S.M.G. A Escola que (não) ensina a escrever. **Editora Paz e Terra**. São Paulo, 2007.

COSTA, C.D.M da; SILVA, J.C.A. A Produção do Fracasso Escolar e o Projeto Letrar nas escolas municipais de Codó/ Maranhão. **VII ENALIC**. Fortaleza- CE, 05 a 07/12/2018.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem** relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 4º Edição. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2017.

DECARLI, Cecília. **Educação Emocional e seus desdobramentos no cotidiano escolar e não escolar em tempo de quarentena**. Rio de Janeiro, Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 15/05/2020, INSTAGRAM/ @conedu.oficial.

EIDELWEIN, Fabiana; LOPES, Maria Isabel. Encontro e des (encontros) entre o livro didático e o ensino apostilado. **Revista destaques acadêmicos**, v.4, n. 2, p. 87-97, 2012.

FERRARI, Márcio. Howard Gardner, o Cientista das Inteligências Múltiplas, 2008, disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas> acesso em: 06/11/2020.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Editora UFPR/Educar, n.36, p.21-38, Curitiba, 2010.

FONSECA, Vitor. **Importância das emoções na aprendizagem: Uma Abordagem Neuropsicopedagógica.** REV. Psicopedagogia, 33(102), p. 365-384, Oeiras/Portugal, 2016.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. **Pedagogia Histórico- Crítica: Da teoria à prática no contexto escolar.** 2014. Disponível: <https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf> acesso em: 15/12/2019

GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional** [recurso eletrônico]; tradução M.H.C. Côrtes. Editora Objetiva LTDA. Rio de Janeiro, 2011.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Sucesso e Fracasso escolar.** In: Coleção Veredas: formação superior de professores. Módulo 6, volume 3. Belo Horizonte: SEE/MG, 2004.

GRATIOT-ALFANDÉRY. Hélène. Henri Wallon; tradução: Patrícia Junqueira. Org. Elaine T.D.M. Dias. **Editora Massangana.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral.** 1.ed. São Paulo, Editora Ática. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias.** Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.5, n.7, p. 1-12, abril. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1. Ed.- São Paulo: Parábola, 2019.

PIL~eeETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** 17º edição. São Paulo, Editora Ática. 2006.

SANTOS, Verônica. **Semana das emoções.** In: OSHIRO. Marisa. Workshop como montar uma oficina das emoções. Horto Santo Antônio, Jundiaí- SP, 2020.

SALLA, Fernanda. **O conceito de Afetividade de Henri Wallon,** 2011. link: [novaescola.org.br/conteúdo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon,](http://novaescola.org.br/conteúdo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon) acesso: 25/08/2020.

SILVA, Ricardo Francelino. **AS EMOÇÕES E SENTIMENTOS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:** Contribuições da teoria de Henri Wallon. 2017. 162f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

SILVA, Maria do Socorro Borges da. **Entre as linhas abissais do pensamento e da formação, pensando práticas de educar em direitos humanos que atravesse o muro das violências e das exclusões.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Ano 22. N.36. jan. /jul. Teresina, 2017, p. 104-122.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas inteligências na prática escolar.** Cadernos da TV Escola/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, n.1, Brasília, 1999.

VIEIRA, T. **Psicologia a serviço da educação**. In: SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. (Org). Coleção Veredas Formação Superior de Professores. 1ª. Ed. Belo Horizonte: SEE/MG, 2004, v.vol.1, p.115-149.

VIVALDI, Flávia. **Professora versus Tia, qual é o papel da afetividade na educação infantil**, 2014, link: gestaoescolar.org.br, acesso: 29/12/2019.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa-Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO DO DOCENTE

Nome: _____

Formação acadêmica: _____

Tempo docência: _____ Turma/ano de atuação: _____

Turno: _____

Quantidade de alunos: _____

Tempo de profissão: _____

Alunos não alfabetizados (início do ano): _____ (final do ano): _____

Alunos com necessidades educativas especiais (quais?): _____

- 1) Em sua opinião, quais seriam os principais fatores dos alunos estarem chegando às turmas de 4º e 5º ano sem o domínio da leitura e da escrita?

- 2) Você acredita que a metodologia utilizada pelos professores pode influenciar na aprendizagem dos alunos? Você teria algum exemplo para citar.

- 3) Quais são as principais atividades realizadas em sala de aula? (Cópia no quadro, trabalho em grupo, avaliações entre outros).

- 4) Além do livro didático, pincel e quadro, você costuma utilizar outros recursos pedagógicos? Se sim, quais são?

- 5) Qual a importância de desenvolver a afetividade nos alunos?

- 6) Você acredita que a afetividade entre professor/aluno pode favorecer a aprendizagem? Se sim, como?

7) O que seria para vocês professores essa mediação da afetividade na relação prof. aluno? O que seria na prática?

8) Quais os fatores que promovem a afetividade na relação professor- aluno (por exemplo o que promove a afetividade em sala de aula? Dê exemplos de situações onde isso ocorra no cotidiano da sala de aula.

9) Quais os fatores que inibem a afetividade na relação professor- aluno (o que trava o afeto).

10) Em suas práticas pedagógicas, algum momento é trabalhado a questão do intrapessoal como emoções, sentimentos dos alunos? Se sim, de que forma? As mais utilizadas em suas práticas coincidem para que desenvolvam a afetividade?

11) Do seu ponto de vista, quais são as metodologias que podem favorecer na relação professor e aluno que (mais) promovem a afetividade?

12) No momento de interação dos alunos durante a aula, você direciona a participação deles ou deixa livre para quem quiser participar?

13) Já presenciou alguma experiência que o aluno estivesse passando por um problema em casa que influenciou na sua aprendizagem na sala de aula? Como ficou sabendo o que estava ocorrendo com o aluno? Como lidou com a situação?

14) Quais os desafios/obstáculos para que a afetividade seja devidamente promovida?

15) Como esses obstáculos poderiam ser transformados? Qual a solução na sua visão para esses obstáculos?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís-MA.



Data
da
entre
vista:
____/
____/

AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Cleide da Luz Aguiar Vasconcelos CPF: 427575413-15 RG: 028538882004-8 gestora da Unidade Escolar Comunitária Codó Novo, localizada na Travessa José Mariano Saads, 1283- A, Bairro Santa Terezinha, Codó/MA, autorizo a aluna Estela Marques Dias, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, UFMA-Codó a utilizar informações da referida escola, para elaboração do seu trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela professora Dra. Cristiane Dias Martins da Costa.

Para maior clareza, firmamos o presente.

Codó, 27 de Januário de 2021

Maria Cleide da Luz Aguiar Vasconcelos
Gestora da Unidade Escolar Comunitária Codó-Novo